

De corpo e alma: encontro amoroso em Dora Vasconcellos

Cuerpo y alma: encuentro amoroso en Dora Vasconcellos

Deivide Almeida Ávila

Graduado em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola) pelo IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei.

E-mail: almeidavila06@yahoo.com

Ozana Aparecida do Sacramento

Doutora em Literatura Comparada pela UFMG.

E-mail: ozana.sacramento@ifsudestemg.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade discorrer sobre o poema *Encontro*, de Dora Vasconcellos, poeta carioca que escreveu três livros de poesia. No poema a ser lido, a poeta explicita uma voz lírica feminina que se entrega fisicamente à pessoa amada, expondo suas ações e sensações para tal, aludindo, assim, a um erotismo que transita entre o sagrado e o profano. A feminilidade em que se encontra o sujeito lírico demonstra a certeza e a fidelidade amorosa para a entrega de corpo e alma à pessoa eleita que, mais que um parceiro, é o amor de sua vida. A atitude tomada pela voz feminina também reflete tal convicção por se colocar juntamente com o parceiro como “deslumbrados” pelo “achado do amor”. Esse estudo terá como aporte teórico a obra *A Paixão Emancipatória* (1999), de Angélica Soares.

Palavras-chave: Amor. Erotismo. Feminilidade.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo discutir el poema *Encontro*, de Dora Vasconcellos, una poeta de Río de Janeiro, que escribió tres libros de poesía. En el poema, el poeta explicita una voz lírica femenina que se entrega físicamente a su amor, exponiendo sus acciones y sensaciones, aludiendo así a un erotismo que transita entre lo sagrado y lo profano. La feminidad en que se encuentra el sujeto lírico demuestra la certeza y la fidelidad amorosa para entregarse de cuerpo y alma a la persona elegida que, más que un compañero, es el amor de su vida. La actitud de la voz femenina también refleja tal convicción al ponerse junto con el compañero como "cautivados" por el "hallazgo del amor". Este estudio tendrá como aporte teórico la obra *A Paixão emancipatória* (1999), de Angélica Soares.

Palabras-clave: Amor. Erotismo. Feminidad.

1 Considerações iniciais

Dora Alencar de Vasconcellos (1911-1973), além de cônsul e embaixadora representante do Brasil em alguns países, foi poeta com publicação de três obras no gênero: *Palavra sem Eco* (1952), *Surdina do Contemplado* (1958) e *O Grande Caminho do Branco* (1963). Também, em 1958, sob encomenda do grande compositor Heitor Villa Lobos, escreveu quatro poesias que compuseram as canções da suíte *Floresta do Amazonas*, intituladas: *Cair da Tarde*, *Canção de Amor*, *Veleiro* e *Melodia Sentimental*.

No livro *Surdina do Contemplado*, com um número de 172 poemas, Dora Vasconcellos tomou como tema principal o amor, sentimento esse descrito em vários sentidos, desde o que vivenciou na infância, até os momentos de encontrar um alguém que pôde se tornar seu amado preterido.

Também com caráter amoroso/erótico, no poema *Encontro*, que faz parte do mesmo livro, o eu-lírico se mostra totalmente disposto a se entregar fisicamente ao amado.

Segundo o escritor Antônio Olinto,

é nesse sentido que a poesia de Dora Vasconcellos é romântica. No modo de juntar versos, suas preferências superam as que costumam existir em épocas de crise, quando as excentricidades substituem o grave trabalho da expressão poética. Não há, por exemplo, ao longo de *Surdina do Contemplado*, uma só palavra que fuja ao vocabulário comum, uma só pesquisa no sentido de ser diferente. Por estranho que pareça, isto revela uma pesquisa mais séria: a de lidar com a linguagem de todos os dias, sempre refratária ao poema. (1963, [s.p.]

Não obstante o que disse o crítico, Vasconcellos usa uma linguagem do cotidiano que ilustra também fatos do dia a dia, como a representação da mulher na condição de amar seu parceiro. Essa linguagem, digamos cotidiana, é manejada de forma a construir um jogo de sedução. Com uma voz lírica feminina, temos a representação do feminino.

2 *Feminilidade em Dora Vasconcellos*

Com uma voz feminina que revela seu universo íntimo, Dora Vasconcellos fala de amor, de um sentimento afetivo recebido e doado até se tornar uma mulher que ama com veemência e emoções que retratam sua vivência.

Tal sentimento é mostrado pela poeta com uma inscrição social, que, de suas vivências, o sujeito lírico se põe com uma voz feminina que aborda seus afetos e desejos para com as pessoas com quem ama, cujo tema é tratado de maneira delicada e sublime.

Para entendermos o conceito do termo escrita feminina, temos como principal concepção um conjunto de características pertinentes a cada escritor(a) que alude sua obra, como podemos ler o que diz Magalhães *apud* Silva (2010, p.36) quando alega que a “chave para interpretação dessa escrita” está no “denominador simbólico”, que podemos entender como “forma como as mulheres, condicionadas por elementos fisiológicos, antropológicos, socioeconômicos, culturais, deram respostas aos problemas de produção e de reprodução, material e simbólica.”

Dessa forma, podemos observar que, de acordo com a crítica da escritora portuguesa Isabel Allegro de Magalhães (1995), Dora Vasconcellos é detentora desse tipo de escrita, uma escrita particular fundada no próprio gênero que tem motivos e temas particulares em suas obras, como o sentimento amoroso que aqui será estudado.

Ainda, para salientarmos tal peculiaridade da poeta, ao falar sobre sua escrita, o crítico Valdemar Cavalcanti (1963, s/n), destaca que “a autora grava no papel, sem o menor sinal de rebuscamento, as suas reações diante dos seres, das coisas e dos fatos, com um encanto nitidamente feminino de expressão [...]”.

Diante dessas observações, podemos ler na poesia de Vasconcellos relatos verossímeis de um amor que parece como uma marca constante em seus versos.

Na trajetória de suas escrituras poéticas, ela é uma escritora que coloca o sujeito feminino como cerne em seus versos, mulheres que ganham o universo dentro do seu poema, femininos que compõem a beleza dentro da poesia.

Diferentemente de algumas escritoras das décadas de 60 e 70 que preocupavam em escrever críticas em romances e poesias com ideologias feministas, questionando os lugares das mulheres nas sociedades, Dora Vasconcellos versou poesias dentro do seu próprio universo feminino, sem alicerçar-se em pressupostos de base falocêntrica, machista, patriarcal e misógina que colocam o gênero feminino como frágil e incapaz. Ela deslinda seu universo num trabalho artístico que reencontra a si mesma como poeta e como mulher, porque, segundo Octavio Paz (1982, p.15), a poesia é um exercício espiritual, regresso à infância, confissão, loucura, êxtase, experiência inata, coletiva e pessoal.

Ainda, sobre o olhar do crítico citado, podemos dizer que Vasconcellos coloca o gênero feminino abarcando especificidades sobre a mulher que fala e exalta o amor, da poeta mulher que fala por si só, que avaliza sua história.

3 *Análise do poema*

ENCONTRO

1. Agarrei-me a tua mão
2. (As penas haviam passado)
3. Saímos à conquista das ruas
4. Das manhãs e dos sinos

5. Uma árvore constante
6. Nos cobria
7. Dando sombra e verdor
8. À caminhada

9. Não havia depois
10. E não deixávamos nada
11. Íamos acendendo o mundo
12. Que vinha de nós transfigurado

13. Foi então que te vi
14. Pela primeira vez
15. Na tepidez da pele
16. No resplendor da fronte
17. Muro em que eu desfalecia

18. Íamos acendendo de fogo
19. As vinhas
20. E a alvorada
21. O mundo se alargava
22. E nós nascíamos
23. Alongados feitos de terra
24. Sòzinhos

25. Do nosso andar nasciam
26. Montanhas inclementes
27. Que davam fímbrias de colorido
28. Aos vales
29. Não era a chegada
30. Pois já estávamos
31. Quanto a partir
32. Não nos levava nada

33. Na expectativa de existir
34. Tocávamos de leve nossos corpos
35. Cegos vinha de nós
36. O achado do amor
37. O encontro azado
38. Na descoberta todos os motivos
39. Ficavam inalterados
40. E em nós todo motivo
41. Esplandecia

42. Inesperado e lúcido
43. Me fazias nascer pelos cabelos
44. À tua altura
45. (Deslumbrados)
46. E derramavas de lírios
47. Os meus flancos.

(VASCONCELLOS, 1958, p.97-8)

No poema *ENCONTRO*, a poeta expressa o amor, mostrando uma ampla gama de estados emocionais, cuja exaltação dos sentidos culmina com a entrega por inteiro.

Com a criação de um léxico do amor sensual, esse poema se estrutura com oito estrofes em versos livres.

Com uma lírica sensual, Vasconcellos erotiza esse poema com uma linguagem implícita cujo amor carnal aparece como forma de uma declaração sentimental com liberação do corpo como prova de tal sentimento. Dessa forma, a poeta mostra um processo de intensificação do encontro amoroso para um ato sexual.

Já na primeira estrofe (v.1-4), o eu poético instaura uma ambiência onírica ou surreal. O uso dos parênteses no segundo verso esclarece a situação que o sujeito

vivenciou com o amado e lhe causou dores ou penas, mas estas não existem mais. Assim, a voz lírica pode agarrar-lhe à mão. Daí a estabilidade está explícita e a certeza de que a pessoa amada não mais se soltará dos laços amorosos.

Os dois últimos versos da estrofe, num enjambement, expõem a felicidade do eu poético. Essa satisfação se afigura na metáfora “conquista das ruas/Das manhãs e dos sinos” (v.3/4); é como se ela, a felicidade, fosse tomando a ambiência ocupada pelo casal.

Podemos entender por rua como um espaço público que alude à liberdade e local para interação. E manhã, segundo Chevalier e Gheerbrant (2016, p. 587),

simboliza o tempo em que a luz ainda é pura, os inícios, onde ainda nada está corrompido pervertido ou comprometido. A manhã é ao mesmo tempo o símbolo da pureza e de promessa: é a hora da vida paradisíaca. É ainda a hora da confiança em si, nos outros e na existência.

Podemos deduzir que a pureza sentimental do eu lírico se revela em um amor casto, porém, já predestinado a um amado. Os sinos evocam “a posição de tudo o que está suspenso entre o céu e a terra, e, por isso mesmo, estabelece uma comunicação entre os dois” (p.835). Trata-se de um amor não só terreno, sensual, físico, mas também sagrado, ou seja, é considerada a dimensão sagrada que o amor sensual contém.

Na segunda estrofe (v.5-8), a árvore é o abrigo para o idílio do casal, fornecedora de tranquilidade e beleza em suas caminhadas. Como um símbolo de variados significados, mas, remetido à fonte da vida, segundo Chevalier e Gheerbrant (2016, p. 84), a árvore, em sua constituição, reúne todos os elementos (ar, água, terra e fogo), assim, “considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre o céu e a terra”. A árvore reafirma a dimensão sagrada e cósmica do amor. Dessa forma, a simbologia empregada por Vasconcellos, considerada como um “eixo”, alude a um amor que transita entre o sagrado e o profano.

A urgência do encontro entre o casal ia dando vida, movimento e luz à caminhada, metamorfoseando o “mundo que vinha” deles mesmos (v.12). É aí que o eu lírico vê seu eleito, no auge, para além do que a visão enxerga; ela revela sua entrega de corpo e alma à pessoa amada, expressa na quarta estrofe (v.13-17), vendo seu amante “Na tepidez da pele” (v.15), indicando absorvê-lo e sentindo seu corpo por inteiro. Dessa forma, podemos observar uma evocação voluptuosa do eu lírico.

Os dois primeiros versos da estrofe evidenciam um emprego especial do verbo ver que ultrapassa a percepção sensorial e indica um encontro profundo, aquele que envolve o calor da pele. A explosão de desejo é marcada pela resplandecência e desfalecimento. O fogo, o ardor do encontro acende as vinhas e também as alvoradas como se observa na estrofe seguinte. Ou seja, o ardor que os envolve transcende tempo e espaço, cujo fogo, refere-se à sensualidade, devido ao fato que ele irradia quentura, como o calor que enche o corpo do sujeito lírico quando se vislumbra com o toque do seu amante.

O casal ia “acendendo de fogo/As vinhas/E a alvorada” (v.18/19/20) pelos caminhos percorridos, ou seja, iam iluminando e dando calor à plantação de uvas. Com um cenário de videiras, o casal esteve em um ambiente considerado, eminentemente,

positivo, segundo o dicionário de simbologias, cuja plantação de vinhas, como uma propriedade, dá “a garantia da vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 954). Ainda, temos o Salmo 128 – 3, que diz que “Uma boa esposa é para o marido como uma videira fecunda”. Entendemos aqui que esposa é aquela pessoa a que se prende vivamente, logo os amantes são fortemente ligados e essa ligação fecunda produz sentimentos profundos.

Nessa quinta estrofe, podemos dizer que os ambientes frequentados pelos amantes figuram em amor, porque a videira, também tida como árvore da vida e de onde se extrai a uva para fabricação de vinho, cujo significado é o “símbolo da vida oculta, da juventude triunfante e secreta” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 955), representa uma ambiência de grande beleza e sinônimo de fartura. Ou seja, o sentimento amoroso é tão vibrante como o vinho, ele triunfa e ilumina não só a árvore da vida, como também o próprio amanhecer. A experiência amorosa é tão gloriosa e transcendente.

O encontro erótico propicia a gênese de um lugar edênico, onírico e deles próprios, cujo mundo cresce e o próprio casal (re) nasce deles mesmos, “Sòzinhos” (v.24).

Com um amor forte e convicto, o sujeito lírico alude nessa estrofe a seu nascimento, sua autocriação, que se dá pelo vínculo com seu amante, cujo ato sexual envolve coisas inexplicáveis que uma declaração não pode expressar, mas a atitude transcende a própria existência advinda de Deus.

A sexta estrofe (v.25-32), insólita, mostra que os amantes, em sua caminhada, provam que o amor que sentem é intenso, capaz de modificar o cenário em que circulam, como as “Montanhas inclementes” (v.26) que nasciam ao passarem. A simbologia para montanha, utilizada por Chevalier e Gheerbrant (2016, p.616), alude que, ao mesmo tempo que ela é “próxima ao céu”, “participa do simbolismo da transcendência”, ela é “encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana”. Com tais simbologias, podemos dizer que o encontro amoroso do casal é tão forte e avassalador que tem o poder de criar um ambiente próprio desse sentimento, capaz de modificar até mesmo a natureza, como os vales que podem ser transformados por colorações.

O caráter insólito, algo surreal dessa estrofe, continua na referência à chegada e à partida. As andanças dos amantes não cessam, o que comprovam as palavras, “chegada”, “partir” e, os versos 31 e 32, paradoxais, nos remete a um amor dualístico e inteiriço que permanece intacto a cada caminhada.

A sétima estrofe reforça as convicções amorosas da voz lírica e mostra que nesse encontro amoroso o corpo é colocado como forma de expressão, de busca e de realização do prazer. O regozijo comprova o amor, mostrando-o como força, vigor. De certa forma, a experiência amorosa está inscrita, marcada de forma indelével nesses corpos.

Na oitava e última estrofe, o eu lírico condiciona a existência à realização amorosa e celebra a entrega ao amor consumado, cujo casal, numa unidade, se funde no prazer carnal. Essa fusão está expressa na metáfora do lírio. O lírio é o sêmen, trata-se do momento do orgasmo. Trata-se de uma metáfora interessante, a flor de lírio é símbolo da pureza, isto é, esse orgasmo está no âmbito do puro, sendo assim, a

conjunção amorosa é tratada como algo casto. Agora, “As penas haviam passado” (v.2) e “Deslumbrados” (v.45) se entregam ao “achado do amor” (v.46).

Observemos que tanto o verso sobre as penas/dores quanto o verso sobre o êxtase amoroso, encontram-se entre parênteses, o que demonstra o caráter intimista dessas emoções.

Ademais, tal envolvimento amoroso foi exposto sem repressão dos desejos pelo parceiro, com alternância entre contemplação/posse e oferecimento/aceite, propiciando, assim, a consumação de um amor.

O uso de elementos da natureza na escrita de Vasconcellos, também, interage o erotismo a uma consciência ecológica, aludindo-nos a imagens corpóreas e espirituais de uma libido desreprimida.

Segundo Angélica Soares (1999, p. 58),

a criação e divulgação, pela mulher, de uma poesia que radicalize os modos libertários de vivenciar conjuntamente o prazer integram, portanto, a consciência ecológica, no seu sentido mais globalizante, visto que as imagens do corpo, em harmonia com a Natureza e livre para o gozo, contrapõem-se aos mecanismos repressores da subjetividade e conseqüentemente (*sic*) aos da socialidade.

No poema *Encontro*, os elementos naturais empregados pela poeta explicitam uma integração entre homem e natureza, cuja linguagem se dá como desejos de corpos que se correspondem e se amam, tendo como cúmplices/testemunhas e como fonte e motivo elementos que compõem o universo ecológico, como vales, montanhas, árvores, o lírio....

Neste poema, o título *ENCONTRO* revela a intensidade do sentimento que é extravasado durante o ato sexual. Os momentos mais voluptuosos desse enleio são revelados por meio de cenas/imagens surreais, oníricas.

O poema analisado também demonstra faces da vida amorosa do eu lírico, a plenitude de uma voz para a manifestação erótica e física, porque ela se entrega de corpo e alma ao contemplado.

4 Considerações finais

A escolha desse poema nos permite um olhar panorâmico sobre a capacidade de evocação de imagens na obra de Vasconcellos, que, por trás de seus versos, revela-se uma poesia singular e sedutora.

Podemos ler como o sentimento amoroso foi o cerne de seu texto nesse poema, expressado como uma experiência infinda a qual passa por gradações variadas quanto ao modo de realização, passando pelo amor sensual, conjugal como parte de responsabilidade pela própria existência.

Vasconcellos deslinda um pouco do universo feminino. Em seus escritos podemos perceber o “sentir feminino”, ou seja, uma delicadeza a qual o tom baixo de narrar emerge em seus versos, trazendo ao seu texto uma atmosfera plena de vigor sentimental.

Podemos entender o título da obra completa (*Surdina do Contemplado*), da qual extraímos o poema *Encontro*, como um remetente a esse tipo de sentimento que à meia voz, intimista de uma voz lírica que adora sentimentalmente seu eleito declara sua prova de amor. Surdina nos remete a murmúrio, quase que calado e contemplado, a escolhido. Dessa forma, Vasconcellos dá voz a um sujeito poético que prova seus sentimentos a uma pessoa predileta e o faz com toda sutileza de uma amante inebriada por um amor devocional.

Esse olhar erótico-existencial nos permite perceber a emancipação do sujeito poético sob o viés do prazer, em que podemos observar a voz de um eu-lírico feminino que, abarcada em si mesma, para desaguar-se no outro, prova a convicção de seus sentimentos que não são castrados de nenhuma forma, permitindo-a viver sua sexualidade.

Ainda, como uma identidade presumida, no poema analisado, a mulher atua como um ser que também tem voz, que busca o prazer, ou seja, tem consciência de seu poder, rompendo com o modelo dominante de superioridade masculina que busca somente o próprio prazer físico/sexual. Assim, Dora Vasconcellos coloca a mulher capaz de se impor, como um ser que também é construtora da sociedade.

Referências

CAVALCANTI, Valdemar. Contracapa: In: VASCONCELLOS, Dora. *O grande caminho do branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

MAGALHÃES, Isabel Allegro. *O sexo dos textos*. Portugal: Caminho, 1995.

OLINTO, Antônio. Contracapa: In: VASCONCELLOS, Dora. *O grande caminho do branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94099/silva_js_me_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 22 out. 2018.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

VASCONCELLOS, Dora. *Surdina do Contemplado*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.